

## **ANEXOS**

## Anexo A. Tabelas

Esta entrevista insere-se no âmbito da unidade curricular *Prática Profissional Supervisionada – módulo Jardim de Infância*, a ser realizada pelas estagiárias que se encontram na instituição e tendo como destinatário o diretor pedagógico da mesma. Esta tem como objetivos gerais: i) Analisar as perspetivas do entrevistado face a questões relacionadas com a caracterização da instituição; ii) Compreender o papel que o entrevistado assume no que respeita ao funcionamento da instituição e que papel assume para o mesmo.

Tabela A1.

*Entrevista ao Diretor Pedagógico.*

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Questões e respostas
<b>A.</b> Formalização do início da entrevista.	- Legitimar a entrevista. - Motivar o entrevistado.	1. Indicar ao entrevistado qual o objetivo da entrevista e a importância da mesma, para a realização do relatório. 2. Assegurar a confidencialidade dos dados e a garantia do anonimato. 3. Solicitar a autorização para a gravação da entrevista.
<b>B.</b> Caracterização do entrevistado no plano académico e profissional.	- Definir o perfil do entrevistado e suas representações relativamente ao cargo.	4. Como diretor pedagógico, como é que iniciou a atividade profissional? Já foi nesta função? <i>Eu estou aqui desde 2001 e, portanto, antes disso tive outra atividade profissional. Portanto eu sou licenciado em economia e fui professor na universidade e administrador de algumas empresas e em 2001 é que iniciei as minhas funções aqui no colégio. Na altura não como diretor pedagógico, apenas como diretor e depois com a reforma da [antiga] professora C. então sim as funções de diretor pedagógico também, portanto simultaneamente diretor e diretor</i>

		<p><i>pedagógico. Então a questão era situar no tempo as coisas.</i></p> <p>5. <i>Quais os principais desafios que enfrenta enquanto diretor pedagógico de uma instituição? Os desafios são muitos. São muitos, no fundo, são os desafios com que se confrontam a educação das crianças que neste caso portanto o Jardim-de-infância e o Primeiro Ciclo, e que são anos decisivos no desenvolvimento da criança, portanto estamos aqui a construir os pilares e a estrutura fundamental do que vai ser o futuro deles. Até aos 11/12 anos construí-se grande parte do nosso futuro. E os desafios sobretudo na sociedade atual são enormes, porque se refletirmos bem sobre o que está a mudar no nosso contexto estamos a assistir a mudanças que há quem caracterize como estando presença na grande alteração, que se está a processar ao nível da sociedade e com reflexos na educação que recebe a grande alteração ao nível mundial. Portanto a primeira com a invenção da escrita, a segunda com o suporte em livro da escrita, foram dois momentos que alteraram radicalmente os processos culturais e os processos da educação e atualmente com a revolução digital. Portanto hoje as novas gerações quando chegam à universidade já não querem livros porque têm acesso a toda a informação através dos “polegares” e dos telefones. Há acesso a tudo. Ora, isto traz alterações profundíssimas na maneira como se desenvolve hoje o conhecimento e os próprios valores pessoais e sociais das crianças. Nós, na escola, temos que, naturalmente, estar preocupados com as duas coisas. Não é só com a matemática, a língua portuguesa, o estudo do meio mas também com os valores que as crianças vão criando em termos pessoais: a autonomia, a solidariedade, etc. Portanto esta alteração que se está a processar traz consequências enormes para o processo da educação e eu penso que de modo geral as escolas ainda estão muito a dormir, relativamente a estas</i></p>
--	--	--

		<p><i>alterações. Mesmo hoje, se formos olhar para o que se passa no mundo da economia, já temos um mundo completamente diferente do que era há 30 e 40 anos e muito diferente, então, da altura em que a escola foi inventada – no final do séc. XVII, com a primeira revolução industrial. Portanto, a escola com o quadro a preto, com os lugares com os alunos todos sentados, uns atrás dos outros, onde o professor transmite conhecimento é do séc. muito passado e não corresponde nada àquilo que é a evolução, quer económica, quer social atual. Hoje mesmo, ao nível económico, o que conta é o conhecimento. Amanhã vamos ter estruturas industriais completamente... através de comandos e através de inteligência artificial, portanto, o ser humano tem de inventar as novas profissões e novas formas de viver. Por isso, a escola tem de estar atenta. A escola hoje tem de ser naturalmente ao nível que nós estamos, são estruturantes a língua portuguesa, como é óbvio, é fundamental e o raciocínio matemático que é fundamentalíssimo, mas a par disto as competências essenciais que as crianças têm de criar são decisivas. Portanto temos de estimular a criatividade, temos de estimular a capacidade de cooperação uns com os outros: amanhã e hoje já, na vida social e profissional, quem não tiver a capacidade de criar e cooperar com os outros, não vai ter grande futuro. É fundamental ter essas competências. Capacidades de investigar, de estar permanentemente a aceder a novos conhecimentos. Como sabem, nesse acesso que hoje é predominantemente através da internet, ter a capacidade de selecionar a informação que interessa, pois, noventa e tal por cento daquilo que pesquisamos não interessa. Portanto, estas competências são fundamentalíssimas. Infelizmente, nós estamos muito aquém de ser uma escola de excelência, mas creio que o essencial, desde a origem da fundação deste modelo pedagógico, é que estamos mais próximos do que muitas das escolas clássicas. Por como já tiveram oportunidade de observar, ao nível do</i></p>
--	--	--

		<p><i>jardim de infância e não só, há um estímulo muito grande à criança para participar ativamente e para criar. Portanto ela participa no processo, na definição de regras, na definição dos planos, em tudo. Quer dizer, há uma participação efetiva das crianças, há o desenvolvimento da cooperação: eles aprendem uns com os outros e não só com os adultos. A cooperação é estimulada. Toda a parte crítica e a parte de desenvolvimento de comunicação é outro elemento fundamentalíssimo: a criança habituar-se a comunicar e a intervir. Portanto, são pilares fundamentais do nosso modelo pedagógico que temos naturalmente um caminho longo para andar mas nós já estamos no caminho. Nos modelos transmissivos, em que o educador transmite o conhecimento... Há uma imagem que eu gosto muito de utilizar sobre a concepção que nós temos da criança. Portanto, no modelo clássico, considerar a criança como uma tabua rasa ou uma garrafa vazia que é preciso encher... eu acho que a criança é um fogo brutal cheio de capacidades que é preciso atear, é preciso desenvolver. Portanto, o desenvolvimento da participação ativa da criança, de todas as competências da criatividade, as competências do acesso a várias fontes de informação... nós não temos manuais únicos no 1º ciclo para a criança se habituar já a perceber que não há nenhuma área de conhecimento que possa estar compactada num livro só, ainda por cima com os acessos todos que a informação está a dar. Portanto, é este o grande desafio da pedagogia e é um desafio que tem como centro fundamental, a escola como um todo e em particular os professores e os educadores. Vocês vão ser atores fundamentais na vossa vida, em relação às crianças. Repara-se que se refere muitas vezes o modelo finlandês, etc. O modelo finlandês o pilar essencial são os professores. Ao nível das universidades eles têm uma preparação muito exigente e muito capaz, depois há uma seletividade muito grande dos professores para entrarem na área da educação. Depois, são bem remunerados, têm formação ao longo da vida, têm grande</i></p>
--	--	---

		<p><i>autonomia estruturada, até mesmo os currículos, etc. E, portanto, o pilar essencial está... o grande desafio está aí, efetivamente, nós professores. E aqui a minha perspectiva é certa, no sentido de os professores e as professoras, terem por um lado uma grande autonomia, no exercício diário da sua profissão e por outro lado haver uma grande coesão, por isso é que nós todas as quartas-feiras temos duas horas de reunião para refletirmos sobre a vida da escola. É preciso as duas coisas, um grande respeito pela autonomia e uma grande capacidade de cooperação, aquilo que no nosso modelo se designa de autoformação cooperada, é uma formação a partir da prática e em que todos em conjunto vamos refletindo sobre o que estamos a fazer. Como seguramente, também já perceberam, ao longo da vossa vida universitária e agora da experiência de contacto com a realidade, o mais difícil não é transmitir os conhecimentos da matemática e da língua portuguesa, o mais difícil é pedagogicamente como é que as crianças hoje aprendem. Esse é que é o grande desafio.</i></p>
<p><b>C.</b> Organização e funcionamento do Externato.</p>	<p>- Compreender o funcionamento e organização da instituição. -Caracterizar o ambiente vivenciado no JI.</p>	<p>6. Em linhas gerais, fale-nos do funcionamento e organização da instituição. <i>A estrutura é muito simples: eu sou o diretor e depois há um secretariado que apoia ao nível do secretariado, há pessoal que apoia todas as funções de limpeza de refeitório, etc. E há, o essencial, que são os professores e as educadoras. A gestão é uma gestão que eu diria, não sendo os processos de pagamentos e recebimentos, é uma gestão completamente colegial. Tudo é pedagógico na escola, seja o que se passa no recreio, seja o que se passa em qualquer outro lado. Assim, as grandes linhas de orientação são definidas em conjunto e depois a execução das mesmas e, por isso é que nós reunimos, além de dedicarmos uma parte significativa dessas quartas-feiras à formação, há outras que dedicamos à avaliação que se está a passar na escola. As decisões são essencialmente colegiais. Como grandes órgãos, como diretor e é o conselho de</i></p>

		<p><i>docentes. Os dois grandes órgãos.</i></p> <p><i>Nós, todas as quartas-feiras, em princípio há uma reunião do conselho. Programamos no início do ano, alternadamente, quartas-feiras que são para a formação com um plano pré-definido, regra geral é alguém que se propõe a apresentar algo que está a fazer na sua sala, para estabelecer o debate e transmitir o que está a fazer e simultaneamente receber ideias e sugestões dos colegas. Depois, há outra das quartas-feiras que dedicamos à avaliação da escola, uma reflexão sobre tudo o que se está a passar na escola e temos também algumas quartas-feiras que como já perceberam os do 1ºciclo e em parte do JI, há um trabalho muito grande que os professores têm da avaliação de PIT, visto que a nossa avaliação é contínua. Está sempre a acontecer. É muito mais fácil fazer a avaliação a meio do período e depois anda-se para a frente e avalia-se o teste. Eles aqui estão permanentemente a avaliar os planos individuais do trabalho, para além da observação direta que fazem e depois a avaliação que fazem, no caso do 1ºciclo, dos PIP, e das educadoras, com os registos e referências que têm. Portanto, há uma das quartas-feiras que nós designamos de trabalho autónomo. Há semelhança do que têm os alunos. São este trio de conselhos que se vão desenvolvendo ao longo do ano, acordados no início.</i></p> <p>7. Como define o ambiente que se vive na instituição que dirige?</p> <p><i>Em termos do corpo docente, as reuniões são o elemento fundamental da comunicação, além do dia-a-dia da comunicação informal que se faz permanentemente e coisas que são necessárias que imediatamente se resolvem e com as auxiliares, no JI, está até institucionalizado reuniões específicas entre educadores e auxiliares para reflexão, agora no início do ano fizeram várias e, de tempos a tempos, fazem reuniões. E mesmo com a comunidade em geral, tentamos fazer</i></p>
--	--	---

		<p><i>algumas reuniões ao longo do ano, no fundo para debater os princípios da relação entre os adultos e as crianças, é esse o aspeto essencial, porque, depois cada um tem a sua função bem definida, as educadoras, as pessoas de apoio, etc. O que é essencial é se depois na relação com as crianças está a funcionar pois nós, adultos, somos uma referência para as crianças e, portanto, temos de partilhar todos os princípios de atuação essenciais.</i></p> <p>8. De que forma são definidos os princípios orientadores e os objetivos para o EFMP? <i>O projeto educativo está no site, está corporizado e foi objeto, ao longo da vida toda da instituição, de várias atualizações, alterações, mas estão lá os princípios basilares, essenciais. De tempos a tempos, fazemos uma reflexão sobre o projeto e há algumas atualizações e alterações. Essa reflexão é feita, essencialmente em conselho de docentes.</i></p> <p>9. Quais as principais preocupações no que diz respeito à organização e gestão de recursos, ao nível de missão, de valores, objetivos...? <i>As preocupações fundamentais são, de algum modo que já referi no diagnóstico e na análise que fiz, é conseguir conseguirmos uma pedagogia que dê, permanentemente resposta àquilo que estão a ser as grandes mutações...Porque aplicar os programas é o mais simples, o mais difícil é criar as competências nas crianças através destes desafios e isso é, além destas reflexões que eu referi que são feitas em conselho, tivemos recentemente, em que convidámos o professor Sampaio da Nóvoa numa sessão em que estiveram todos os docentes e uma série de encarregados de educação porque não se circunscreve à escola, os desafios da educação, existem três pilares fundamentais: são os pais, a escola e a sociedade em geral. Cada uma</i></p>
--	--	--

		<p><i>destas entidades tem que estar preocupada com a educação e o futuro das crianças. Por isso organizámos essa sessão e organizamos debates para estarmos permanentemente atualizados. As crianças são diferentes, quando vêm com as educadoras... as educadoras dizem com muita frequência, nos conselhos, que estão a assistir a crianças com cada vez mais conhecimentos, chegam à escola com cada vez mais conhecimentos, mas também, cada vez mais desequilíbrios, crianças com problemas emocionais. E isso resulta quer da evolução que a estrutura familiar está a ter, quer da própria sociedade em si e daquele conhecimento a que eles têm acesso. Isto gera, em termos evolucionais, uma série de desequilíbrios e problemas que devem ser resolvidos. Se a criança não tiver a noção e razão a funcionar bem, se tiver emocionalmente perturbada, a aprendizagem está automaticamente comprometida e isso é em parte um dos desafios, é refletir sobre como devemos dar resposta... ainda ontem tivemos um conselho de exposição de situações concretas e de análise concretas de problemas emocionais de algumas crianças e a forma como devemos dar resposta a isso.</i></p>
<p><b>D.</b> Participação/Envolvimento das famílias no JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as representações sobre a participação das famílias na instituição.</li> <li>- Conhecer as práticas de participação das famílias no JI.</li> <li>- Compreender a posição do diretor em relação à</li> </ul>	<p>10. Qual a sua perspetiva sobre a participação das famílias num JI?</p> <p><i>Há um leque diversificado de situações. Há famílias realmente muito empenhadas e preocupadas em dar as melhores respostas de educação aos seus filhos e há outros que nem tanto. Portanto, há de tudo. Embora, eu pense que todas as famílias tenham preocupação, algumas, infelizmente, não têm capacidade nem tempo para dar a resposta. Mas é efetivamente um problema grande, em alguns casos, a questão da situação familiar. Um desequilíbrio numa situação familiar traduz-se logo numa criança que não anda bem na escola e se não andar bem na escola, emocionalmente, também não faz o seu desenvolvimento quer cognitivo, quer pessoal e social, vocês têm um grande desafio pela frente.</i></p>

	<p>participação das famílias no contexto.</p> <p>- Compreender a apropriação das famílias em relação ao modelo praticado pela instituição.</p>	<p>11. Que papel assume, enquanto diretor, na promoção dessa participação?</p> <p><i>Há uma parte nuclear da relação da família com a escola que se desenrola à volta da educadora e do professor. A relação da educadora, no JI, e do professor, no caso do 1ºciclo, com os pais e encarregados de educação é fundamental e regra geral é aí que a família se centra mais e manifesta mais. Portanto, uma parte significativa dessa relação desenvolve-se a esse nível e com uma grande autonomia. E depois temos o aspeto geral da instituição: nós temos uma associação de pais a funcionar, e a associação de pais, inclusivamente, em alguns desses conselhos têm cerca de meia hora para transmitir ideias, críticas, iniciativas. Ouvimos e tentamos, naturalmente, dar resposta. A própria associação de pais... por exemplo, nos períodos de férias do 1º ciclo, a escola está aberta. Estamos a desenvolver atividades e os professores estão a fazer uma avaliação que é muito detalhada, não é uma avaliação de cruzinhas, com a identificação do que é que a criança consegue, é descritiva, mas muito objetiva. São dias e dias que eles têm de consumir a avaliar todos os registos que têm e para fazer uma avaliação que transmita aos pais e à própria criança, o máximo de informação possível sobre o que atingiram, quer na vertente cognitiva, quer pessoal e social. Portanto, nesses períodos tem sido com a própria associação de pais que temos organizado todas as atividades das férias para as crianças de 1ºciclo que querem vir à escola. Tentamos desenvolver esta iniciativa que eu referi à bocado com o professor Sampaio da Nóvoa, convidámos, também, todas as famílias a virem participar. Vamos a meio do ano convocar mais uma assembleia de natureza geral sobre um tema a escolher. Portanto, há várias de iniciativas que participem o máximo, mas com o máximo de respeito pela autonomia que a escola tem de ter e que o professor tem de ter, por um lado, assim como nós, sobre</i></p>
--	--	--

		<p><i>determinados temas, não vamos interferir nas famílias mas dialogando o máximo, porque a criança é um elemento comum e é parte interessada.</i></p> <p>12. Existe algum tipo de comunicação às famílias acerca do modelo pedagógico utilizado no EFMP? Se sim, como e quando?</p> <p><i>Hoje, até por dispositivos legais do instituto do ensino particular e cooperativo, a grande fonte de comunicação é a internet. E nós, por lei, e mesmo que não fosse por lei, temos que ter na internet, o projeto educativo, o regulamento interno, o preçário e entregar aos pais, no início do ano, os aspetos essenciais da avaliação e o programa anual nos seus traços essenciais em termos das atividades gerais e depois os professores, especificamente na sua área, através de reuniões que fazem e da utilização da internet, muita da comunicação de hoje não é feita em suporte de papel, é feita através da internet. Tem lá o projeto educativo, há depois uma área reservada para os pais em que toda a parte de acesso à informação sobre pagamentos é feita automaticamente. Utilizamos os modernos instrumentos de comunicação...</i></p>
<p><b>E.</b> Contextualização institucional do JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a integração do JI com outras valências.</li> <li>- Compreender a posição do entrevistado face à contextualização atual da instituição.</li> </ul>	<p>13. Qual a sua perspetiva sobre a integração do JI numa instituição com outras valências, neste caso o 1º ciclo do ensino básico?</p> <p><i>A nossa perspetiva é integrá-las o máximo possível, ou seja, quer nalguns conselhos de avaliação geral da escola, quer sobretudo nos momentos de avaliação dos trimestres, as educadoras vão transmitindo aos professores, e ao conselho em geral, como está cada criança e, de um modo geral, como é que se está a desenvolver a atividade em jardim-de-infância... Ou seja, quando um professor vai receber no 1º ciclo uma criança para o 1º ano, já tem uma ideia do percurso dela. Isso acontece, assim como na vertente da comunicação, no dia-a-dia, há meninos</i></p>

		<p>do 1º ciclo que vão à sala de jardim-de-infância comunicar um pequeno texto, um pequeno problema... portanto temos um projeto coletivo, vamos amanhã plantar uma série de coisas na horta. Portanto, tentamos que a integração seja máxima e, efetivamente, nós temos aqui a admissão de algumas crianças que vão para o 1º ano e constatamos que há alguma diferença... na maioria dos casos, entre uma criança que fez aqui o jardim-de-infância e aquela que vem de fora pela primeira vez. Isto fruto exatamente da grande partilha que fazem os professores e educadoras do modelo pedagógico, incluindo todos os instrumentos: o diário, a definição de tarefas, etc. Começam no jardim-de-infância e continuam, o trabalho de projeto também começa no JI e continua no 1º ciclo. Portanto, há aqui uma ligação e uma preocupação sistemática para que o percurso da criança seja conhecido o mais possível pelos seus educadores.</p>
<p><b>F.</b> Relação com a comunidade.</p>	<p>- Caracterizar o meio e a consequente relação com a instituição. - Perceber o papel do diretor/instituição no meio.</p>	<p>14. Como descreve e caracteriza a relação do EFMP com a comunidade? As relações com o meio envolvente não são muito fortes. No fundo temos duas relações que vão funcionando: uma com a junta de freguesia; com a junta de freguesia há uma partilha de iniciativas e de preocupações, que não é muito grande, poderia ser maior; temos com outra instituição aqui próxima que é os pupilos do exército que têm, de facto, alguns aspetos em termos de disponibilidades e espaços que nos são muito úteis... não só com o espaço destinado ao projeto coletivo – que é a horta – com um terreno alugado, como também, por exemplo, esta conferência que decorreu com o Dr. Sampaio da Nóvoa foi no auditório que foi alugado... têm instalações desportivas, que diria quase ótima em relação às que temos aqui... dois ginásios, um grande campo polivalente que, quer nas férias do 1º ciclo, quer noutros momentos aproveitamos esses espaços. Para além disso, praticamente não temos outras relações com o meio envolvente.</p>
<p><b>G.</b> Formalização da</p>	<p>- Formalizar a finalização</p>	<p>15. Pretende acrescentar algo mais que considere relevante em relação aos assuntos</p>

conclusão da entrevista.	da entrevista.	<p>abordados?</p> <p><i>Não, eu só espero que, nesta parte da relação com a Escola Superior de Educação, o vosso estágio seja um desafio... uma coisa é ver as coisas nos livros, outra é poder ver na realidade. Acho que uma das coisas que é um grande desafio para o país é alterar profundamente, os tais desafios da educação, ao nível da formação dos educadores. Acho que há aí um desafio enorme... porque eu não sei se em vez das grandes preocupações, a cada ministro que chega, que é mudar os programas, não sei se não devia era mexer na formação que é dada. É essencial, e à semelhança do que nós tentamos aqui com os alunos durante o trabalho autónomo, tentar fazer crescer cada vez mais a componente de formação a partir da experiência prática. Acho que aí é que era importante que se investisse na parte dos Ministérios da Educação. Porque os pilares vão ser vocês, educadores e professores. Por isso, quanto melhores forem os vossos desafios atuais e vossa formação, melhor será o futuro da escola.</i></p>
--------------------------	----------------	--

Tabela A2. Entrevista à educadora cooperante.

Esta entrevista insere-se no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada – módulo II Jardim de Infância a ser realizada pela estagiária na prática e tendo como destinatário a educadora cooperante. Esta tem como objetivos gerais: analisar as perspetivas da entrevistada face a questões relacionadas com a prática pedagógica e compreender o papel que a entrevistada assume no que respeita à organização e gestão do currículo.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Questões e respostas
<p><b>A.</b></p> <p>Formalização do início da entrevista.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Legitimar a entrevista;</li> <li>- Motivar o entrevistado;</li> </ul>	<p>i) Indicar ao entrevistado qual o objetivo da entrevista e a importância da mesma, para a realização do relatório.</p> <p>ii) Assegurar a confidencialidade dos dados e a garantia do anonimato. Solicitar a autorização para a gravação da entrevista.</p>
<p><b>B.</b></p> <p>Perfil do entrevistado e as suas representações acerca do cargo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caracterizar o entrevistado no plano académico e profissional;</li> </ul>	<p>iii) Pode descrever o seu percurso académico?</p> <p><i>Então, tirei o curso de educadora na Escola Superior de Educação Maria Ulrich. Depois, logo a seguir a ter acabado o curso, fui fazer uma substituição de uma grávida no infantário Piloto Diese. Depois tive 5 anos a trabalhar num ATL numa escola pública em Telheiras e depois vim para aqui e estou aqui desde 2000.</i></p> <p>iv) Quais os principais desafios que enfrenta enquanto educadora de infância?</p> <p><i>Neste modelo de ensino nós estamos constantemente a enfrentar desafios, não é? Como é um modelo interativo e como todas as crianças têm uma participação muito ativa e participam no seu próprio... desenvolvimento e processo educativo, e como aqui trabalhamos os nossos objetivos a partir do que as crianças nos dão e dos interesses das crianças, é um desafio constante não é? É o maior desafio: estar permanentemente atenta às necessidades de cada um e dar o máximo de resposta possível às necessidades de cada um. Trabalhando em grupo mas sempre presente a individualidade de cada um.</i></p>

		<p>v) Na sua perspectiva, o que é que falta na formação de um educador?</p> <p><i>Eu acho que há uma lacuna grande na área da expressão plástica, por exemplo... Acho que vêm com poucas bases... tenho sentido nos grupos de estagiários que têm aparecido muito isso: pouca experiência em trabalhar expressão plástica e o que fazer com a expressão plástica. De resto, lacunas... não sei, às vezes vêm um bocado desorientadas com as histórias das planificações, mas que eu compreendo que, estando do lado de uma estagiária, quando se entra num modelo tão específico quanto este, e quando só se tem uma base teórica... é natural que sintam algum receio, ou não... já tive estagiárias aqui que ficam completamente à vontade logo no primeiro dia, outras que se retêm mais – isso para mim não é uma lacuna – o que eu sinto muito e, já comentámos várias vezes entre nós as três [educadoras de JI], não sei se porque nós quando tirámos o curso, tivemos muita formação a nível das artes, da expressão plástica, da música e da expressão corporal, nós trabalhamos imenso isso na nossa formação inicial, que eu acho que é uma coisa que se está a perder cada vez mais e que vocês têm cada vez menos, e que para mim é essencial.</i></p>
<p><b>C.</b> Organização e gestão do currículo</p>	<p>- Compreender o funcionamento e organização da sala (tempo, espaço e materiais)</p>	<p>vi) Existe um projeto curricular de grupo? Se sim, o que contempla? Por que é elaborado? Se não existe, quais as principais intenções/objetivos para este grupo de crianças?</p> <p><i>Eu já tenho o projeto curricular de grupo feito. No início do ano, quando entro, eu já tenho o projeto curricular definido, já está todo feito. Eu construí o projeto curricular de</i></p>

	<p>-Definir as principais intenções educativas da educadora</p>	<p><i>grupo, todos os anos vou atualizando esse projeto consoante as crianças que ficam e as que entram. Portanto, eu vou fazendo as alterações que eu acho que devo fazer já nesse projeto que já está construído. Vou fazendo as pequenas alterações.</i></p> <p>vii) Em linhas gerais, descreva a organização e funcionamento da sua sala de JI?  <i>Em relação ao espaço e aos materiais... o espaço não foi organizado com eles [crianças]. O espaço organizei-o com a minha auxiliar logo no início do ano. Nós não tínhamos a sala assim disposta ano passado. O ano passado tínhamos menos cinco crianças do que temos este ano, então tivemos que reorganizar o espaço em função do número de crianças... e organizámos as duas sozinhas. A nível de materiais, nós deixámos os materiais tal e qual como tínhamos o ano passado, portanto aqui todo o material de que eles precisam está ao alcance deles, e deixámos porque, lá está, nós temos crianças que já vêm do ano anterior. Portanto, quando chegam a sala já está montada mas já foi construída com eles no ano anterior... as crianças que entram de novo, é-lhes sempre passada a informação. Os mais velhos explicam aos mais novos logo de início onde é que são as diferentes áreas, onde é que estão os materiais, como é que eles podem usar os materiais e o que é que eles podem fazer com eles... isso é tudo uma conversa que nós temos logo no início do ano e que há uma passagem feita por nós adultos, claro, mas muito essencialmente feita pelos meninos que já cá andavam, onde é mostrado aos mais novos onde é que está tudo... Depois</i></p>
--	---	---

		<p><i>os outros espaços, as aulas de expressão corporal, que são feitas na cantina da escola, e as aulas de música que são feitas na sala...</i></p>
<p><b>D.</b> Equipa e ambiente educativo</p>	<p>- Caracterizar o ambiente educativo da instituição - Compreender as relações estabelecidas na instituição entre a equipa educativa</p>	<p>ix) Como define o ambiente educativo que se vive nesta instituição? <i>O que eu acho, e me gabo muito disso, é que nós temos uma relação excelente entre colegas, e não temos que ser todos amigos, mas temos que ter uma relação de grande cumplicidade e respeito pelos outros. Eu, a C. e a A.M. [educadoras de JI] somos amiga de longa data, tirámos o curso juntas, e eu e a C. vimos juntas desde o 10º ano do liceu. Portanto é... conseguimos manter até então uma relação profissional e de amizade muito forte. Com o resto do pessoal docente e não docente da escola há uma relação muito próxima, sempre houve, portanto é um ambiente muito positivo. Eu digo sempre que trabalho no céu.</i></p> <p>x) Existem reuniões entre educadores e auxiliares? Entre educadores? Entre equipas de sala? <i>Nós temos uma reunião de conselho de docentes todas as quartas feiras, portanto é semanal, duas horas... Docentes de 1º ciclo, educadores e direção. Todas as quartas feiras temos um tempo, que ainda não começámos este ano, uma vez por semana um tempo para reunir com as nossas auxiliares e temos reuniões com a equipa toda de JI, isso não tem periodicidade específica. Este ano já tivemos três, por exemplo, mas não tem periodicidade definida.</i></p>

<p><b>E.</b> As famílias</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as representações sobre a participação das famílias na instituição</li> <li>- Conhecer as práticas de participação/envolvimento das famílias no JI</li> <li>- Compreender a posição da educadora face à participação/envolvimento das famílias no contexto educativo</li> </ul>	<p>xi) Qual a sua perspetiva sobre a participação/envolvimento das famílias num JI?</p> <p><i>Nesta escola, para além de haver uma associação de pais muito ativa, muito participativa aqui nas dinâmicas da escola, os pais da escola, neste caso da sala são muito participativos... são pessoas que se envolvem muito na vida escolar dos filhos e depois há sempre um nível de participação mesmo presencial nas salas quando nós achamos que, tendo conhecimento prévio não é de que algum pai nos pode transmitir algo que será uma mais-valia para a sala, há convites a pais para virem às salas fazer uma atividade qualquer, e também há sempre – mais no final do ano – um dia em que os pais vêm trabalhar à sala com os filhos. Entram na sala e trabalham com os filhos seguindo a nossa rotina de entrar na sala, marcar presenças, escolher atividades em que estão a trabalhar... e depois às vezes são eles que nos dizem “olhe, gostava imenso de ir aí falar sobre não sei quê ou fazer uma técnica de expressão plástica ou uma experiência” e aí eles vêm à sala e participam... “encaixam-se” nos nossos períodos de comunicações e recebemos sempre os pais sempre que achamos que é oportuno.</i></p> <p>xii) As famílias envolvem-se/participam na elaboração do projeto curricular de grupo, nas planificações ou outras formas de planeamento que possam existir?</p> <p><i>Não. Se quiserem consultar podem, como é óbvio, mas não...</i></p>
<p><b>F.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a</li> </ul>	<p>xiii) Na sua perspetiva, qual ou quais a(s) vantagem(s) e desvantagem(s) de trabalhar</p>

<p>As crianças</p>	<p>posição da educadora face à heterogeneidade etária do grupo</p> <p>- Caracterizar a relação entre as crianças do pré-escolar e as do 1º ciclo do ensino básico</p>	<p>com um grupo heterogéneo relativamente às idades?</p> <p><i>Pois, eu já não acredito noutra coisa que não seja assim. Para mim tem todas as vantagens. Até a nível social porque nós na nossa vida não nos demos nem aprendemos só com as pessoas da nossa faixa etária, não é? Portanto, não faz sentido. E faz-me sim sentido esta aprendizagem, esta socialização em grupos com pessoas de diferentes idades... cria-se um nível de interação mais rico em estarmos a aprender com pessoas diferentes, que têm desenvolvimentos diferentes na vida... acho que para os mais velhos lhes desenvolve imenso o seu lado mais humano, o facto de serem confrontados com o ajudarem os mais novos em simples questões de quando nós lhes pedimos "olha vai lá com ele à casa de banho e ajuda-o a lavar as mãos para que ele não fique todo molhado"... é um simples gesto que está a trabalhar montes de coisas por trás, não é? Uma responsabilização, um afeto, um cuidado, lhes desenvolve muito este lado... acho que os mais novos aprendem imenso a imitar os mais velhos... imenso. Tem mesmo a ver com a interação deles uns com os outros de faixas etárias diferentes. Acho que é riquíssimo.</i></p> <p>xiv) Para além de partilharem o espaço exterior durante os recreios, existem algum tipo de comunicação ou relação entre as crianças do JI com as de 1º ciclo?</p> <p><i>Sim. Ainda não aconteceu este ano, há-de estar prestes a acontecer... nos nossos momentos de apresentação de produções, muitas vezes, vêm meninos do 1º ciclo</i></p>
--------------------	---	--

		<p><i>que vêm ao JI apresentar textos ou comunicar projetos que fizeram, ou se eles sabem, e por isso é que tão importante estar sempre exposto lá fora o que é que nós estamos a trabalhar, muitas vezes eles passam e dizem “ah eles estão a fazer um projeto sobre não sei o quê e nós também” e muitas vezes há essa partilha. E nós também, muitas vezes eles dizem “ah quero ir ao 1º ano...”, porque são as referências mais fortes – os amigos que foram para o 1º ano – “ah eu quero ir ao 1º ano e contar uma história” e vão.</i></p>
<p><b>F.</b> A comunidade</p>	<p>- Caracterizar a relação entre a instituição e o meio envolvente; - Conhecer o papel da educadora na promoção de uma relação com o meio envolvente;</p>	<p>xv) Como descreve e caracteriza a relação da instituição com a comunidade? <i>Sim, nós também muitas vezes recorremos à comunidade porque aqui há um comércio muito tradicional, não é? Conhecemos o senhor do café, o senhor da mercearia, de vez em quando vamos, por exemplo em alturas que estamos a fazer culinária... vamos à mercearia comprar os nossos ingredientes, passamos no café do senhor R., portanto há toda uma ligação com o bairro.</i></p>
<p><b>G.</b> Conclusão da entrevista</p>	<p>- Finalizar a entrevista</p>	<p>xvi) Pretende acrescentar algo mais que considere relevante em relação aos assuntos abordados? <i>Não. Obrigada.</i></p>

Tabela A3. Rotinas institucionais da sala da P. e da M.

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Planeamento/Avaliar e marcar tarefas	Planeamento	Planeamento	Planeamento	Planeamento
Expressão corporal	Atividades e projetos	Atividades e projetos	Atividades e projetos	Apresentação de produções
Livros e leitura	Sessão musical	Apresentação de produções	Apresentação de produções	Arrumar trabalhos
<b>ALMOÇO</b>				
Trabalho curricular participado	Trabalho curricular participado	Trabalho curricular participado	Trabalho curricular participado	Atividades e projetos
Avaliação do dia	Avaliação do dia	Avaliação do dia	Avaliação do dia	Conselho
Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

Tabela A4. Situação profissional dos pais e nº de irmãos.

Criança	Mãe	Pai	Nº de irmãos
C	Médica	Médico	2
CG	Trab. Independente	Economista	0*
CP	Administrativa	Comissário de bordo	0
D	Matemática	Economista	2
FD	Gestora de produções	Eng. Informático	1
FO	Bancária	Empresário	1
GB	Copywriter	Professor	1
GL	-	Jornalista	1
GÇ	Enfermeira	Médico	2
GU	Prof. Universitária	Diretor comp. seguros	0
IC	Bancária	Informático	1
IP	Psicóloga	-	2
J	Educadora	Professor	1

JC	Arquiteta	Arquiteto	1
JP	Juiz de direito	Consultor	4
JT	-	-	
L	-	-	
M	Gestora	Auditor	0
MR	Arquiteta	Arquiteto	1
P	Psicóloga	Controler	1
R	Prod. audiovisual	Eng. Informático	2
S	Pediatra	Chefe de cozinha	1
T	Professora	Operador cal center	1

Tabela A5. Nacionalidades e percursos institucionais das crianças.

<b>Criança</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Freq. Jardim de Infância</b>
C	Portuguesa	2º ano
CG	Portuguesa	1ª vez
CP	Portuguesa	2º ano
D	Portuguesa	1ª vez
FD	Portuguesa	2º ano
FO	Portuguesa	1ª vez
GB	Portuguesa	2º ano
GL	Moçambicana	2º ano
GÇ	Portuguesa	1ª vez
GU	Portuguesa	2º ano
IC	Portuguesa	2º ano
IP	Portuguesa	2º ano
J	Portuguesa	1ª vez
JC	Portuguesa	2º ano

JP	Portuguesa	2º ano
JT	Portuguesa	1ª vez
M	Portuguesa	2º ano
MR	Portuguesa	1ª vez
P	Portuguesa	2º ano
R	Portuguesa	4º ano
S	Portuguesa	1ª vez
T	Portuguesa	3º ano

Tabela A6. Avaliação geral do grupo de crianças da sala da P. e da M.

Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de Implicação						Comentários	
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?		
Nomes														
C.			x						x					Criança tímida com pouca iniciativa; Por vezes chora quando confrontada com decisões.

C.G				x					x	Autónoma; Por vezes desafia os adultos, procurando saber quais os limites de cada um
C.P				x			x			Dá preferência ao faz-de-conta e expressão plástica; Muito dependente da I.P
D.			x				X			Apresenta algumas dificuldades na comunicação (linguagem oral)
F.D				x					X	Autónomo; Por vezes chora quando está em conflito com outra criança ou quando é exposto ao grupo (por ex.: fazer um gesto para os restantes o imitarem)
F.O			x						X	Algumas dificuldades em concentrar-se quando os outros mostram ou contam algo ao grupo
G.				x					x	Revela algumas atitudes de preconceito em relação ao G.L; Autónomo e empenhado nas tarefas propostas, tanto por ele como pelos outros
G.L			x					x		Adormece frequentemente em momentos mais calmos (por ex.: reunião da manhã, avaliação do dia, conselho)
G.Ç			x					X		Ainda está num período de adaptação ao JI
G.U				x					X	Revela grande capacidade de memorização, raciocínio lógico e de associação de fonemas com grafemas
I.C				x					x	Por vezes quando é contrariada faz “birra”; Mostra maior interesse em atividades ligadas à expressão plástica
I.P				x					x	É considerada pelas restantes meninas como uma “seguidora” ou líder de grupo pelo que observei; por vezes revela algumas dificuldades em concentrar-se no que



S.				X				X			Revela não estar ainda à vontade para falar em grande grupo; Tem preferência em atividades de expressão plástica, mais especificamente de pintura
T.				x					x		Autónomo; Cooperar com os mais novos sempre que possível; Mantém uma relação muito próxima com o G.

Fonte: Portugal e Laevers (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC)*.

Tabela A7. *Análise e reflexão em torno do grupo e contexto.*

*Data: 2 de novembro de 2016*

### Análise do grupo

#### O que me agrada:

- Grupo heterogéneo (várias idades: dos 2 aos 6 anos): os mais velhos revelam poder e querer ajudar os mais novos, assim como os mais competentes mostram querer ajudar os menos competentes;
- Participativo: na sua grande maioria é um grupo que mostra ter prazer em partilhar ideias, dar sugestões, mostrar coisas aos outros.

#### O que me preocupa:

- A resolução de conflitos é feita maioritariamente através do uso da força;
- Algumas das crianças mais velhas pedem auxílio sem arriscarem fazer autonomamente;
- Algumas crianças revelam ter atitudes e/ou preconceitos relativamente a questões de género e/ou etnias.

Fonte: Portugal e Laevers (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC)*.

Tabela A8. Transcrição da conversa sobre género com as crianças dos 4 aos 6 anos.

Data: 4 de janeiro de 2017

<b>TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA</b>
Eu: O que é ser homem e o que é ser mulher? Queria falar convosco sobre isso... podemos falar sobre isso?
<b>T. (masculino): Sim.</b>
Eu: Sim? Então, eu vou registar o que vocês vão dizendo sobre isto. Podemos começar por: ser mulher é...
<b>IC (feminino): Ser bonito?</b>
Eu: Dedos no ar. Diz I.
<b>IC (feminino): Ser bonito. As mulheres gostam de cor-de-rosa e roxo.</b>
<b>T. (masculino): As mulheres casam com os homens.</b>
<b>R. (feminino): Os rapazes não usam saia e não usam cabelo comprido.</b>
Eu: Posso colocar isso nos homens... Podemos falar já dos dois.
<b>MR. (feminino): Ser mulher é ter vestidos, usar maquilhagem, pintar as unhas, usar ganchos lindos com brilhantes e usar sapatos super lindos... isso é ser mulher. E pintar o cabelo quando quiser. Usar collants de rapariga...</b>
<b>R. (feminino): Mas os rapazes também podem usar collants!</b>
Eu: Então?

<b>R. (feminino): Os rapazes também usam collants...</b>
<b>IP. (feminino): Não usam nada!</b>
Eu: Porquê?
<b>IP (feminino): Eu já vi um menino sem collants e não existe.</b>
Eu: Nunca viste um menino com collants, é isso?
<i>IP (feminino) acena afirmativamente com a cabeça.</i>
Eu: Então achas que...
<b>IP (feminino): E não existe.</b>
<b>GB (masculino): Eu num dia já vesti collants.</b>
<b>P. (masculino): E eu também...</b>
<i>IP (feminino) ri-se.</i>
<b>IP (feminino): Mas assim são raparigas.</b>
<b>P. (masculino): Não somos nada!</b>
<b>IP (feminino): Vocês têm collants de raparigas.</b>
<b>P. (masculino): Os collants também são para rapazes!</b>
Eu: Calma! Dedos no ar!
<b>GB (masculino): Os meus não têm brilhantes.</b>
Eu: Então os rapazes que aqui estão também já utilizaram collants...
<b>P (masculino): Sim!</b>
<b>IP (feminino): Não, não!</b>
<b>GB (masculino): Sim, sim!</b>
<b>IP (feminino): Não!</b>
Educadora: IP, se eles estão a dizer que já vestiram, por que é que estás a dizer que não?
Eu: MR, diz lá.
<b>MR (feminino): Ser rapaz é usar calças...</b>
<b>R. (feminino): As raparigas também usam calças.</b>
<b>M (feminino): Como tu! Olha umas calças...</b>
<b>MR (feminino): Eu disse que os rapazes usam calças...</b>
Eu: Não disseste que só os rapazes é que usam calças. Então achas que as raparigas também podem usar?
<b>MR (feminino) acena afirmativamente com a cabeça.</b>

<b>IP (feminino): Não, não.</b>
<b>M (feminino): I, tu já usaste calças!</b>
<b>MR (feminino): A R. tem leggings.</b>
<b>IC: Ser homem é não pôr maquilhagem.</b>
<b>M (feminino): Eu acho que alguns homens usam maquilhagem...</b>
Eu: Então M.?
<b>R. (feminino): O meu pai já pôs!</b>
Eu: Agora estamos a ouvir a M., senão ninguém se entende.
<b>M. (feminino): Os homens também acho que usam maquilhagem.</b>
Eu: Então? Porque é que dizes isso?
<b>M. (feminino): Porque os homens podem usar o que as raparigas usam.</b>
<b>IP (feminino): Não, não.</b>
<b>MR (feminino): O meu irmão adora pôr batom.</b>
Eu: IP, porque é que dizes que os rapazes não podem utilizar aquilo que as raparigas utilizam? Como, por exemplo, a maquilhagem.
<b>IP (feminino): Eles não podem pôr batom...</b>
Eu: Não?
<b>GB (masculino): Mas podem pôr do cieiro!</b>
Eu: A I. está a falar.
<b>IP (feminino): Não podem pôr batom. Não podem seguir as mães.</b>
<b>MR (feminino): Olha, eu faço sempre o que a minha mãe faz quando ela se está a maquilhar. Eu também me maquillo.</b>
Eu: O que a I. está a dizer é que os rapazes não podem pôr batom porque não podem seguir as mães. Ou seja, os rapazes não podem pôr batom na opinião da I. Então, e se for como o GB disse? Se for batom do cieiro?
<b>IP (feminino): Eh, que nojo!</b>
<b>MR (feminino): Olha, o meu irmão tem muitas caixas com batons do cieiro.</b>
Eu: Sabem todos o que é batom do cieiro?
<b>T. (masculino): Sim!</b>
<b>IP (feminino): É para pôr quando fica em ferida!</b>
<b>M (feminino): Não é ferida, é cieiro!</b>
Eu: Dedos no ar!
<b>JC (masculino): É quando tem cieiro usas o creme e passado algum tempo sai o cieiro.</b>

Eu: Muito bem, é quando está muito frio, por exemplo, e ficamos com uma cor vermelha à volta dos lábios. Aí podemos pôr ou um creme como o JC disse, ou batom para o cieiro. Então afinal os rapazes podem pôr batom...
<b>L (feminino): E também podem pintar as unhas.</b>
<b>IP (feminino): Os rapazes não podem pintar as unhas!</b>
Eu: Porquê I.?
<b>IP (feminino): Porque só podem usar as raparigas.</b>
Eu: Só as raparigas?
<b>IP (feminino): Sim.</b>
Eu: Porquê?
<b>IP (feminino): Porque sim.</b>
Eu: Não, isso não é justificação. Porquê?
<b>IC (feminino): Eu já vi homens com anéis.</b>
Eu: Então os homens podem usar anéis?
<b>IP (feminino): Não, não.</b>
Eu: Então mas quando um homem e uma mulher se casam, eles põem uma aliança no dedo... o homem também não tem uma aliança?
<b>T (masculino): Tem!</b>
<b>GB (masculino): O meu avô tem.</b>
<b>IC (feminino): E também já vi homens com brincos nas orelhas.</b>
<b>IP (feminino): Não existe!</b>
<b>IC (feminino): Existe, existe!</b>
Eu: Então também podem usar brincos...
<b>GB (masculino): Sim!</b>
<b>M (feminino): Os rapazes podem usar tudo o que as raparigas usam.</b>
<b>GB (masculino): Mas eu já há muito tempo pinte as minhas unhas... Há muito tempo.</b>
Eu: Então quer dizer que podes?
<b>GB (masculino): Sim.</b>
Eu: Mas és rapariga?
<b>GB (masculino): Não.</b>
Eu: E houve algum problema?
<b>GB (masculino): Não!</b>

<b>G (masculino): O meu pai já tinha um anel quando se casou com a minha mãe e eu ainda não estava cá.</b>
Eu: Pronto, então tem um anel?
<b>G (masculino): Sim.</b>
<b>T (masculino): As raparigas e os rapazes usam totós. As raparigas e os rapazes, não usam?</b>
Eu: Então achas que, tanto um como outro podem utilizar elásticos para o cabelo...
<b>T (masculino): Sim.</b>
<i>Educadora entra na sala com o professor da turma mista (1º ciclo do ensino básico).</i>
Educadora: Este senhor é o quê? É um homem ou uma mulher?
<b>CP (feminino), T (masculino) e IP (feminino): Homem!</b>
Educadora: E o que é que ele tem no dedo?
<b>P (masculino): Um anel.</b>
<b>M (feminino): E agora IP?</b>
<b>IP (feminino): Não existe.</b>
Professor: Eu não existo?
<i>IP ri-se.</i>
<b>IP (feminino): No homem não existe um anel.</b>
Educadora: Ah não existe I.? O professor é um homem e está a mostrar que tem um anel. Então, usam ou não usam anéis, os homens?
<b>MR (feminino): O meu irmão usa um anel.</b>
Educadora: Pronto.
<b>IC (feminino): Os homens e as mulheres podem pintar o cabelo.</b>
<b>G (masculino): É que eu já vi um homem com um rabo-de-cavalo.</b>
Eu: Já viste, então quer dizer que podem?
<i>G. acena afirmativamente com a cabeça.</i>
<b>R (feminino): Os homens podem usar ganchos.</b>
Eu: GL, o que é que tu achas que é ser homem e ser mulher?
<b>GL (masculino): O homem sabe fazer coisas.</b>
Eu: Que coisas?
<b>GL (masculino): De material...</b>
Eu: Que material?
<i>GL gesticula com as mãos o movimento de martelar.</i>

Eu: Material de construção?
<b>GL: Sim!</b>
<b>GB (masculino): Posso dizer uma coisa? É que sempre que eu vou para casa da minha mãe e vou para a escola, eu uso os anéis dela.</b>
Eu: Sim...
<b>MR (feminino): Não são só as raparigas que usam óculos...</b>
<b>IC (feminino): O meu irmão usa.</b>
Eu: Agora posso mostrar-vos umas imagens de um livro? Então estivemos a falar, vocês disseram o que acham que é ser mulher e ser homem. Eu trouxe quatro imagens que vos vou mostrar de um livro que eu não consegui trazer, por isso é que só trouxe as imagens. O título do livro é "todos fazemos tudo". Eu queria saber o que é que vocês veem e depois o que é que vocês acham sobre a imagem que veem. Então... esta imagem, alguém me consegue dizer o que é que vê?
<b>IC (feminino): Estão a fazer o almoço?</b>
Eu: Quem?
<b>IC (feminino): É um homem.</b>
Eu: É um homem e mais quem?
<b>IC (feminino): E a mulher está atrás...</b>
<b>IP (feminino): É um bebé!</b>
<b>JC (masculino): Não, não é! É uma criança!</b>
Eu: Sim, bebé ou criança está às costas do homem, certo?
<b>L (feminino): Não são só mulheres que seguram os bebés, os homens também ficam com os bebés às vezes.</b>
Eu: O que é que vocês acham sobre aquilo que a L. disse?
<b>T (masculino): Bem, eu digo bem!</b>
Eu: Concordam?
<b>IP (feminino): Eu concordo!</b>
Eu: Então quer dizer que não são só as mulheres que tomam conta dos bebés?
<b>T (masculino): Não. Às vezes as mães tomam conta dos bebés.</b>
Eu: E os pais tomam conta dos bebés?
<b>M (feminino), R (feminino) e P (masculino): Sim.</b>
Eu: E os pais cozinham?
<b>T (masculino): Cozinham!</b>

Eu: Os vossos pais cozinham?
<b>T (masculino): O meu pai!</b>
<b>M (feminino): O meu não!</b>
<b>P (masculino): O meu sim!</b>
<b>T (masculino): O meu é muito bom... a cozinhar.</b>
<b>P (masculino): O meu pai também é bué bom!</b>
<b>IC (feminino): A minha mãe é muito boa a cozinhar.</b>
Eu: Sim mas estávamos a falar do pai... se o pai também cozinha lá em casa. Porque aqui na imagem este senhor está a cozinhar e vocês disseram que o pai pode cozinhar.
<b>M (feminino): O meu não cozinha mas acho que podem.</b>
<b>GB (masculino): O meu cozinha muito bem!</b>
Eu: O meu também! Agora vou-vos mostrar outras imagens... o que é isto?
<b>GB (masculino): Senhoras a construir coisas.</b>
Eu: São duas senhoras a construir coisas... aqui parece que está a martelar na madeira...
<b>GB (masculino): Nas pedras!</b>
Eu: Ou nas pedras... Estão a utilizar materiais de construção, não é? O GL tinha dito que ser homem é saber fazer coisas de construção. Mas aqui estão duas mulheres...
<b>GB (masculino): A construir...</b>
Eu: Então, as mulheres podem fazer construções?
<b>P (masculino): Podem.</b>
<b>T (masculino): Sim.</b>
Eu: E podem pregar pregos na parede?
<b>T (masculino): Sim.</b>
<b>MR (feminino): A minha mãe também trabalha a fazer casas, e o meu pai também, fazem os dois.</b>
Eu: Então fazem isso os dois?
<b>MR (feminino): Sim, por isso é que eu venho para a escola.</b>
<b>IC (feminino): A minha avó que chama-se Margarida, ela tem quadros no seu quarto.</b>
Eu: Ah e é ela que pendura os quadros?
<b>IC (feminino): Sim.</b>
<b>GB (feminino): A minha avó constrói muito.</b>

Eu: Então as mulheres podem trabalhar com este tipo de materiais?
<b>GB (masculino), P (masculino) e MR (feminino): Sim.</b>
Eu: E aqui?
<b>GB (masculino): É um menino que está a ler?</b>
<b>IC (feminino): É o mesmo senhor que estava na cozinha.</b>
Eu: É o mesmo que estava a cozinhar... o que é que ele está aqui a fazer com a criança?
<b>GB (masculino): A ver um livro.</b>
<b>L (feminino): Aquele menino adormeceu.</b>
Eu: Pode ser para o menino adormecer... Então, quando vocês vão dormir alguém vos conta uma história?
<b>MR (feminino): A minha mãe não lê muitas vezes.</b>
<b>GB (masculino): O meu pai sempre!</b>
<b>IC (feminino): A minha mãe mais ou menos.</b>
Eu: E o pai?
<b>IC (feminino): O pai é mais ou menos também.</b>
<b>T (masculino): A minha mãe não me conta histórias porque não me apetece porque eu estou a ouvir música no meu rádio.</b>
Eu: Então mas acham que os homens podem contar histórias?
<b>GB (masculino): Sim!</b>
<b>M (feminino): A minha mãe só me contou uma história na cama, talvez uma vez ou duas vezes, porque eu não quero porque vejo iPad.</b>
<b>IC (feminino): A minha mãe e o meu pai são mais ou menos.</b>
Eu: O que é que são mais ou menos?
<b>IC (feminino): Mais ou menos que não contam muitas histórias todos os dias.</b>
Eu: Mas já te contou o pai e a mãe, não já?
<i>IC acena afirmativamente com a cabeça.</i>
Eu: E aqui nesta que é a última?
<b>P (masculino): As mulheres podem jogar futebol...</b>
<b>T (masculino): É uma senhora e um menino...</b>
Eu: E estão a fazer o quê?
<b>T (masculino): A jogar futebol. E aqui está um menino e uma menina.</b>
Eu: E o senhor está a fazer o quê?

<b>IP (feminino): A pentear.</b>
<b>M (feminino): É que eu um dia já joguei à bola com a IP.</b>
Eu: Então a IP e a M são dois rapazes, não são?
<b>GB (masculino): São.</b>
Eu: Pois... isto é para ver a vossa atenção! A M e a IP são rapazes?
<b>GB (masculino): Não.</b>
Eu: Então?
<b>P (masculino): São meninas.</b>
Eu: Então são duas meninas que já jogaram à bola. Tem algum problema jogarem à bola?
<b>R (feminino), M (feminino): Não!</b>
Eu: E se a IP quiser ser treinadora de futebol...
<b>GB (masculino): Sim, pode! Pode quando quiser.</b>
Eu: E sobre esta imagem... do senhor a escovar o cabelo da menina?
<b>IC (feminino): Os homens podem escovar o cabelo. Porque na minha casa, o meu irmão escovou o cabelo.</b>
<b>MR (feminino): O meu pai fez-me um penteado que era fazer assim um totó.</b>
Eu: E sabem como é que se chama a profissão das pessoas que cortam o cabelo e fazem penteados?
<b>GB (masculino): Cabeleireira!</b>
Eu: Então e se for um cabeleireiro?
<b>MR (feminino): Ah, é um rapaz!</b>
Eu: E já viram algum cabeleireiro?
<b>MR (feminino): Eu já vi muitos!</b>
<b>P (masculino): Eu também!</b>
Eu: Muito bem, então os homens também fazem penteados, escovam e cortam o cabelo... P vou dar-te uma imagem a ti, outra aqui, e quando acabarem de ver vão rodando, está bem? Vão passando ao do lado.

Tabela A9. Análise da conversa sobre género com as crianças dos 4 aos 6 anos.

CATEGORIA	UNIDADES DE REGISTO	INDICADORES	FREQUÊNCIA INDICADORES	Nº de sujeitos
<b>Beleza</b>	[Ser Mulher é] “ser bonito” (IC)	Ser Mulher é ser bonito.	1	1 (IC)
	<b>TOTAL</b>		<b>1</b>	<b>1</b>
<b>Cor</b>	“As mulheres gostam de cor-de-rosa e roxo” (IC)	As mulheres gostam de rosa e roxo.	1	1 (IC)
	<b>TOTAL</b>		<b>1</b>	<b>1</b>
<b>Casamento</b>	“As mulheres casam com os homens” (T)	As mulheres casam com os homens.	1	1 (T)
	<b>TOTAL</b>		<b>1</b>	<b>1</b>
<b>Vestuário</b>	“Os rapazes não usam saia” (R)	Os rapazes/homens não usam saia.	1	1 (R)
	“Ser mulher é ter vestidos” (R)	As raparigas/mulheres usam vestidos.	1	1 (MR)
	]Ser Mulher é] “usar collants de rapariga” (MR)	As raparigas/mulheres usam collants.	1	1 (MR)
	“Mas os rapazes também podem usar collants]” (R)	Os rapazes/homens usam collants.	3	3 (R, GB, P)
	“Eu num dia já vesti collants” (GB)			
	“Os collants também são para rapazes” (P)			
	[Os rapazes usam collants] “Não usam nada! Eu já vi um menino sem collants e não existe” (IP)	Os rapazes/homens não usam collants.	2	1 (IP)
	[Se os rapazes vestirem collants] “Mas assim são raparigas!” (IP)			
	“Os meus (collants) não têm brilhantes” (GB)	Os rapazes/homens usam collants sem brilhantes.	1	1 (GB)
	“Ser rapaz é usar calças.” (MR)	Os rapazes/homens usam calças.	2	1 (MR)
“Eu disse que os rapazes usam calças” [para além das raparigas] (MR)				

	“As raparigas também usam calças” (R)	As raparigas/mulheres usam calças.	3	2 (R, M)
	“Como tu [estás a usar]! Olha umas calças!” (M)			
	“I, tu já usaste calças!” (M)			
	“Não, não!” [As raparigas não usam calças] (IP)	As raparigas/mulheres não usam calças.	1	1 (IP)
<b>TOTAL</b>			<b>15</b>	<b>6</b>
<b>Cabelo</b>	“Os rapazes não usam cabelo comprido” (R)	Os rapazes/homens não usam cabelo comprido.	1	1 (R)
	[Ser mulher é] “pintar o cabelo quando quiser” (MR)	As mulheres pintam o cabelo.	2	2 (MR, IC)
	“(…) as mulheres podem pintar o cabelo.” (IC)			
	“As raparigas e os rapazes usam totós” (T)	As raparigas/mulheres usam elásticos no cabelo.	1	1 (T)
		Os rapazes/homens usam elásticos no cabelo.	2	2 (T, G)
	“É que eu já vi um homem com um rabo-de-cavalo.” (G)			
	“Os homens (…) podem pintar o cabelo.” (IC)	Os homens pintam o cabelo.	1	1 (IC)
	“Os homens podem escovar o cabelo. Porque na minha casa, o meu irmão escovou o cabelo.” (IC)	Os homens penteiam-se.	1	1 (IC)
<b>TOTAL</b>			<b>8</b>	<b>5</b>
<b>Maquilhagem</b>	[Ser mulher é] “usar maquilhagem, pintar as unhas.” (MR)	As raparigas/mulheres pintam as unhas.	1	1 (MR)
		As raparigas/mulheres usam maquilhagem.	1	1 (MR)
	“Ser homem é não pôr maquilhagem!” (IC)	Os rapazes/homens não usam maquilhagem.	3	2 (IC, IP)
	“Não, não! Eles não podem pôr batom” (IP)			

	[Os homens] “Não podem pôr batom. Não podem seguir as mães” (IP)			
	“Os homens podem usar o que as raparigas usam” (M)	Os rapazes/homens usam maquiagem.	5	3 (M, MR, GB)
	“Eu acho que alguns homens usam maquiagem” (M)			
	“O meu irmão adora pôr batom” (MR)			
	“Mas [os homens] podem pôr do cieiro!” (GB)			
	“Olha, o meu irmão tem muitas caixas com batom do cieiro” (MR)			
	[Os homens] “E também podem pintar as unhas” (L)	Os rapazes/homens pintam as unhas.	2	2 (L, GB)
	“Mas eu já há muito tempo pintei as minhas unhas... Há muito tempo!” (GB)			
	“Os rapazes não podem pintar as unhas!” (IP)	Os rapazes/homens não pintam as unhas.	1	1 (IP)
		<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>6</b>
<b>Acessórios</b>	“Usar ganchos lindos com brilhantes e usar sapatos super lindos... isso é ser mulher” (MR)	As mulheres usam acessórios.	2	2 (MR, M)
		As mulheres usam sapatos lindos.	1	1 (MR)
	“Eu já vi homens com anéis” (IC)	Os homens usam acessórios.	9	6 (IC, GB, M, G, MR, R)
	“O meu avô tem!” [anéis] (GB)			
	“E também já vi homens com brincos nas orelhas” (IC)			
	“Os rapazes podem usar tudo o que as raparigas usam” (M)			
	“O meu pai já tinha um anel quando se casou com a minha mãe e eu ainda não estava cá.” (G)			
	“O meu irmão usa um anel.” (MR)			
“Os homens podem usar ganchos.” (R)				

	“Não são só as raparigas que usam óculos...” (MR)			
	“O meu irmão usa!” [óculos] (IC)			
	“Não, não!” [Os homens podem usar anéis] (IP)	Os homens não usam acessórios.	3	1 (IP)
	“Não existe!” [Homens que usam brincos] (IP)			
	“Não existe. No homem não existe um anel.” [Quando entra o professor de 1º ciclo com um anel no dedo] (IP)			
		<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>7</b>
<b>Profissão</b>	“A minha mãe também trabalha a fazer casas, e o meu pai também, fazem os dois.” (MR)	Os homens e as mulheres podem ser construtores/arquitetos.	1	1 (MR)
	“Sim, pode! Pode quando quiser.” [Se a IP quiser ser treinadora de futebol] (GB)	As mulheres podem ser treinadoras de futebol profissional.	1	1 (GB)
	“Eu já vi muitos!” [Homens cabeleireiros] (MR)	Os homens podem ser cabeleireiros.	1	1 (MR)
		<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>2</b>
<b>Tarefas domésticas</b>	“A minha mãe é muito boa a cozinhar.” (IC)	As mulheres cozinham.	2	2 (IC, T)
	“Cozinham!” [Os pais] (T)			
	“O meu sim!” [Se o pai cozinha] (P)	Os homens cozinham.	5	3 (T, P, M)
	“O meu é muito bom... a cozinhar.” (T)			
	“O meu pai também é <i>bué</i> bom!” (P)			
	“O meu [pai] não cozinha mas acho que podem.” (M)			
“O meu não!” [Se o pai cozinha] (M)	Os homens não cozinham.	1	1 (M)	
		<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>4</b>
<b>Bricolage</b>	“O homem sabe fazer coisas... de material.” (GL)	Os homens constroem coisas em casa.	1	1 (GL)
	“Sim.” [A avó põe quadros na parede em casa] (IC)	As mulheres constroem coisas em casa.	2	2 (IC, GB)

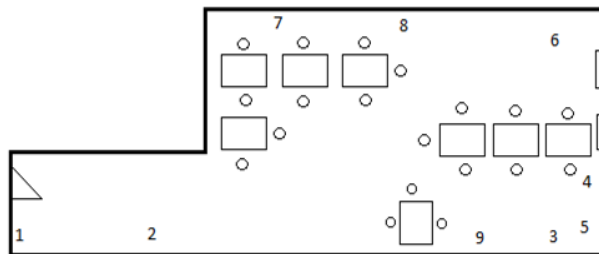
	“A minha avó constrói muito.” (GB)			
		<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>3</b>
<b>Lazer/Desporto</b>	“As mulheres podem jogar futebol...” (P)	As mulheres jogam futebol.	2	2 (P, M)
	“É que eu um dia já joguei à bola com a IP.” (M)			
		<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
<b>Cuidado e educação</b>	“Às vezes as mães tomam conta dos bebés.” (T)	As mulheres cuidam dos filhos.	2	2 (T, L)
	“Não são só mulheres que seguram os bebés, os homens também ficam com os bebés às vezes.” (L)			
	“Eu concordo!” [Sobre os homens poderem cuidar dos filhos] (IP)	Os homens cuidam dos filhos.	2	2 (L, IP)
	“A minha mãe não lê muitas vezes.” [Ler histórias] (MR)	As mulheres leem histórias aos filhos.	2	2 (MR, IC)
	“Mais ou menos que não contam muitas histórias todos os dias.” [O pai e a mãe] (IC)			
	“Mais ou menos que não contam muitas histórias todos os dias.” [O pai e a mãe] (IC)	Os homens leem histórias aos filhos.	2	2 (IC, GB)
	“O meu pai sempre!” [Ler histórias] (GB)			
	“O meu pai fez-me um penteado que era fazer assim um totó.” (MR)	Os homens fazem penteados aos filhos.	1	1 (MR)
		<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>6</b>

Tabela A10.

*Codificação e sexo das crianças.*

<b>Criança/codificação</b>	<b>Sexo</b>
G	Masculino
GB	Masculino
GL	Masculino
IC	Feminino
IP	Feminino
L	Feminino
M	Feminino
MR	Feminino
P	Masculino
R	Feminino
T	Masculino

## Anexo B. Figuras



- 1 - Computador
- 2 - Oficina de escrita e reprodução
- 3 - Trabalhos por acabar
- 4 - Atelier de expressão plástica
- 5 - Biblioteca
- 6 - Faz de conta
- 7 - Laboratório de ciências e matemática
- 8 - Projetos
- 9 - Trabalhos para apresentar

Figura B1. Imagem da planta da sala da P. e da M. (fonte própria).



Figura B2. Imagem do plano de atividades.





Figura B6. Imagem de cartões do livro “Todos fazemos tudo” de Madalena Matoso.

**IPL** INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
 ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

São Domingos de Benfica, 21 de outubro de 2016

Caros encarregados de educação,

Sou aluna do 2º ano do Mestrado de Educação Pré-escolar na Escola Superior de Educação de Lisboa estando a estagiar em jardim de infância na sala do seu educando/a no período de 26 de setembro a 20 de janeiro de 2017 sob a supervisão da educadora Patrícia Lima.

Desta forma, venho por este meio pedir autorização para fotografar o/a seu/sua educando/a como forma de enriquecer a minha prática académica, obter evidências de situações que sirvam para refletir futuramente e registar testemunhos de novas aquisições e aprendizagens.

Confirmando também que irei desfocar a cara da criança em todas as fotografias, caso seja necessário. Pretendo apenas registar a atividade/brincadeira que está a realizar/praticar na sala de atividades, no recreio e noutros locais da instituição, não comprometendo a identidade e privacidade de qualquer criança e/ou adulto.

Atentamente,  
 Raquel Peixinho.

Criança	Autorizo ou não autorizo	Assinatura do encarregado de educação
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]
	Autorizo	[Assinatura]

Figuras B7. Autorização dos encarregados de educação para tirar fotografias.



Figura B8. Autorização das crianças para tirar fotografias.

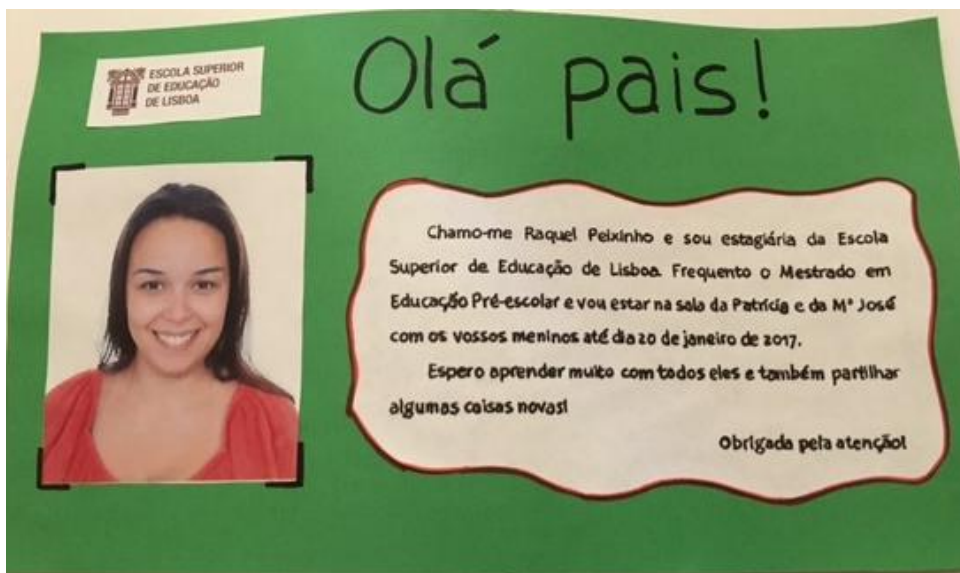


Figura B9. Imagem da folha de apresentação aos pais.

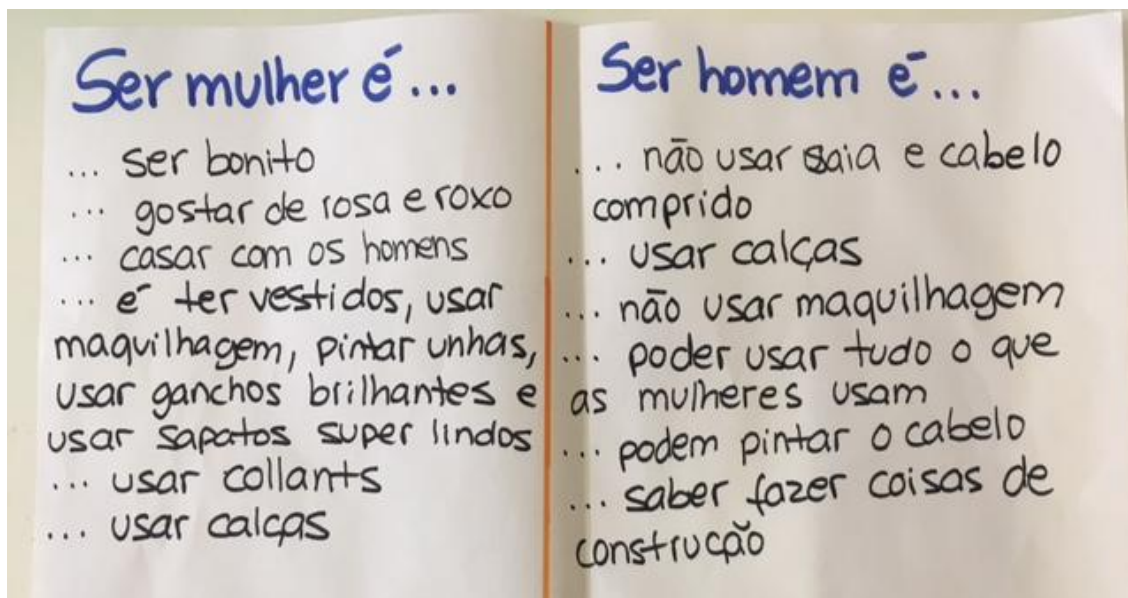


Figura B10. Imagem do registo escrito sobre o que é ser Homem e Mulher.

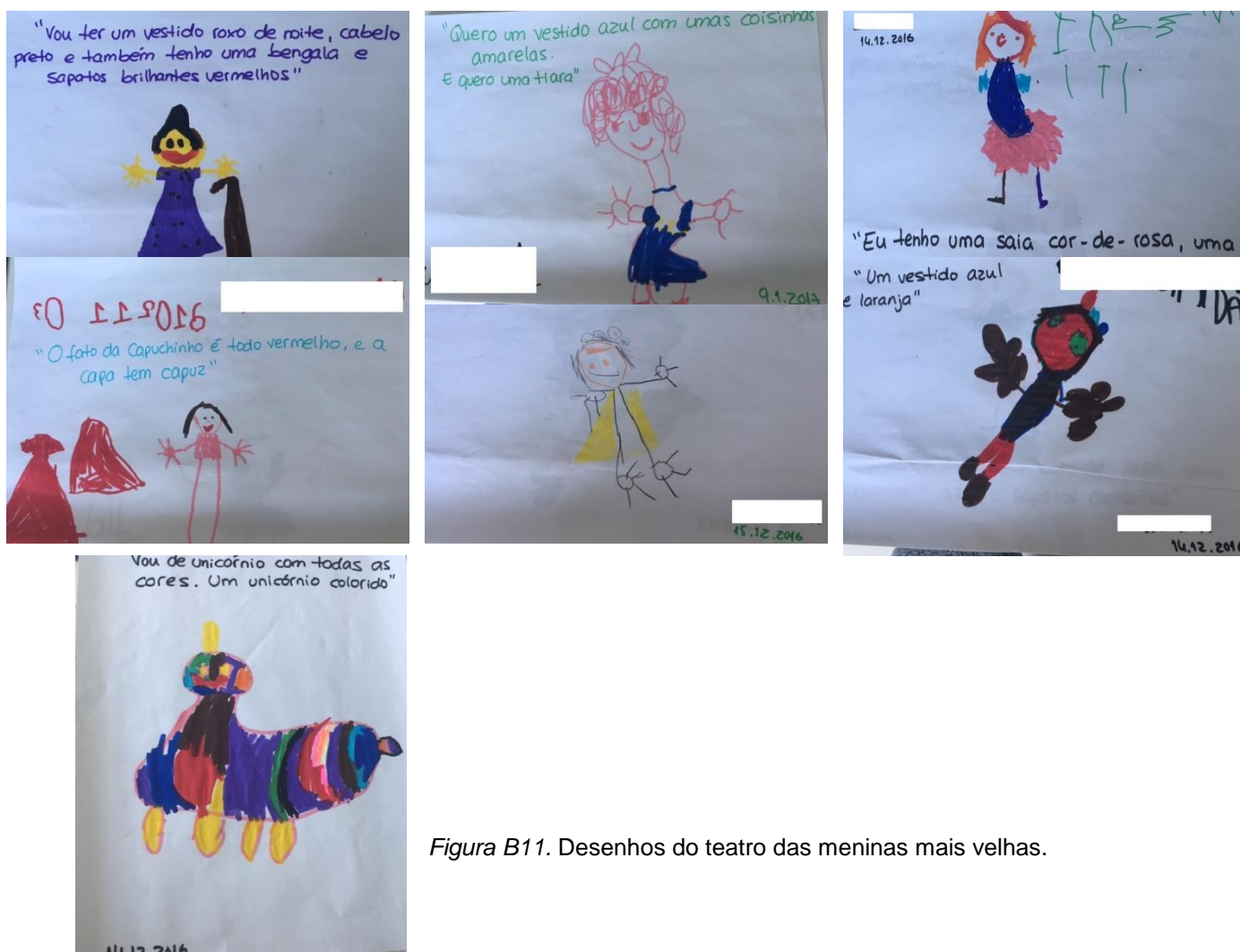


Figura B11. Desenhos do teatro das meninas mais velhas.

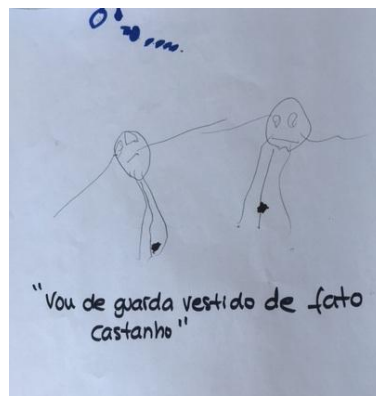
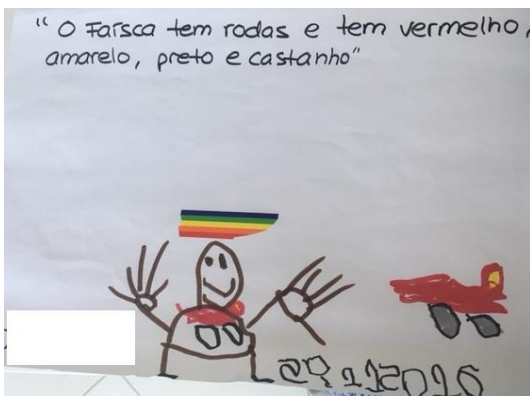
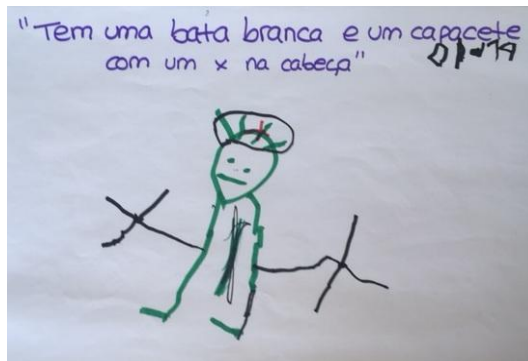
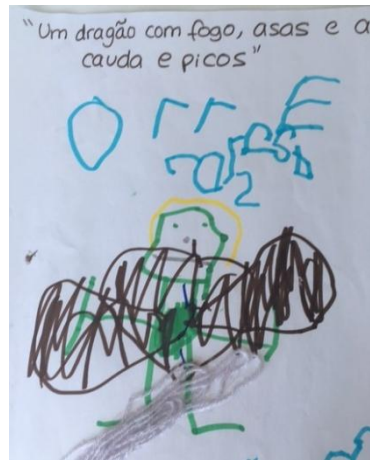
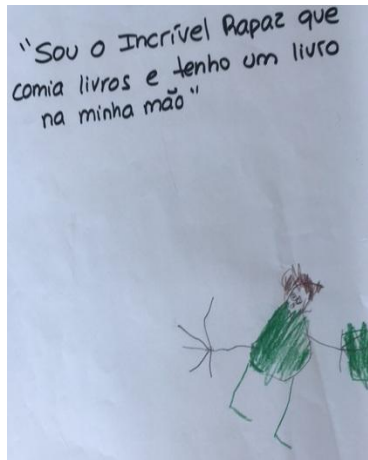
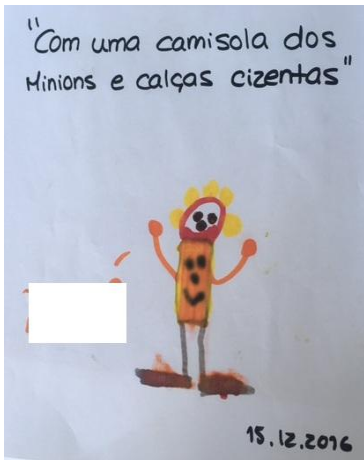


Figura B12. Desenhos do teatro dos meninos mais velhos.

## **Anexo E. Questionário aos pais sobre género**

### **Investigação-ação em jardim-de-infância**

Exmos. Encarregados de Educação,

No âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada, Módulo II (jardim-de-infância) venho por este meio informá-los sobre a minha intenção de realizar uma investigação na sala dos e com os vossos educandos centrada nas questões de igualdade de géneros (feminino e masculino).

Através da observação participante identifiquei alguns momentos que suscitaram o meu interesse em investigar sobre a igualdade de género em salas de jardim-de-infância. Tenho vindo a constatar que, na maioria das vezes, seja na sala ou no recreio, as meninas do grupo brincam com bonecos (*nenucos*), *barbies*, objetos relacionados com o embelezamento, entre outros que tradicionalmente são associados às meninas; os meninos brincam principalmente com carros, bonecos de ação (*gormitis*) e legos.

Para além disso observei também alguns discursos de crianças da sala que evidenciam representações sobre o que é ser menino e menina. Exemplo disso foi um dos momentos em que falávamos do que iria acontecer na festa de S. Martinho. Durante a conversa, uma das meninas do grupo revelou que iria vestir-se de cor-de-rosa para a festa, tendo um dos meninos respondido (com expressão de quem fazia troça) que também iria vestido com essa cor. A menina, indignada, afirmou que “isso é coisa de miúdas!”. Segundo Lopes da Silva et al (2016):

“ser menino ou menina é um aspeto central na construção da identidade e as crianças em idade pré-escolar vão assumindo comportamentos conformes com as expectativas culturais sobre o que é apropriado fazer enquanto membro de um ou de outro grupo, manifestando estereótipos culturais referentes aos homens e às mulheres” (p.34).

Ora, posto isto, e considerando que o(a) educador(a) de infância deve ajudar as crianças a consciencializarem-se do género e das oportunidades de equidade (Marchão e Bento, 2012), tenho como objetivos para esta investigação: i) promover momentos de diálogo em grande grupo em que seja possível, numa primeira fase, perceber as conceções das crianças e dos Pais sobre o que é ser menino e menina; ii) numa segunda fase, possibilitar um (re)pensar da participação social como cidadãos, sejam meninos ou meninas.

De acordo com Oliveira (2007), estes diálogos sobre género contribuem para o questionamento da rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres, assim como para revelar caminhos para uma possível transformação destes paradigmas.

Na minha perspetiva é importante ter também a perceção das conceções dos Pais relativamente ao tema, na medida em que a família “assume um papel de grande relevo na construção da identidade de género da criança (...) e é nesse contexto que começa, desde muito cedo, a interiorizar ideias estereotipadas, sendo muito importante a atitude e assunção de género que os familiares mais próximos assumem” (Marchão e Bento, 2012, s.p).

Pretendo assim recolher dados juntos dos Pais através de um questionário anexado posteriormente com o intuito de compreender as conceções dos mesmos acerca das (des)igualdades de géneros. Para além do preenchimento deste questionário solicito, por último, a assinatura do Encarregado de Educação na folha disponível à porta da sala, dando ou não autorização para a gravação via áudio dos diálogos que irei promover em sala acerca desta temática para uma posterior análise de dados. Declaro sob compromisso de honra o posterior envio das gravações aos Encarregados de Educação em *pen* ou CD, salvaguardando ainda que todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Agradeço desde já pelo vosso tempo e disponibilidade,  
A estagiária Raquel Peixinho.

## Questionário aos Pais sobre representações de géneros

Pais, este questionário surge no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada, Módulo II (Jardim-de-Infância) do Mestrado em Educação Pré-escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa e tem como objetivo a recolha de dados acerca dos estereótipos de género. O preenchimento deste questionário é anónimo e toda a informação recolhida é confidencial, sendo apenas utilizada para análise e tratamento de dados relacionados com o trabalho que está a ser desenvolvido.

Agradeço desde já a vossa colaboração e tempo disponibilizados.

Obrigada,  
Estagiária Raquel Peixinho

Questionário n.º \_\_\_\_

### Caraterização do sujeito (que responde ao questionário)

1. Sexo: F  M

2. Idade:

20-30 anos  31-40 anos  41-50 anos  51-60 anos

61-70 anos

3. Grau de parentesco em relação à criança: \_\_\_\_\_

**Tema em estudo:** Representações de géneros (feminino e masculino)

4. O que entende por género?

---

---

---

5. Na sua perspetiva, um menino pode vestir cor-de-rosa? E uma menina pode vestir azul? Justifique.

---

---

---

6. Na sua opinião, uma menina pode vir a ser jogadora profissional de futebol? E um menino pode vir a ser educador de infância? Justifique.

---

---

---

7. No seu entender, os homens podem tratar das “lidas” da casa (cozinhar, limpar o pó, aspirar, lavar roupa, etc)? E as mulheres podem jogar à bola com os filhos?

---

---

---

Obrigada pela sua colaboração!

## Referências bibliográficas

Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).

Marchão, A. J. G. & Bento, A. I. F. (2012). *Promoção da igualdade de género – um estudo em contexto de educação pré-escolar*. Portalegre: Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre.

Oliveira, M. R. D. (2007). *Gênero e Escola: Por outras práticas educativas*. Revista Zero-a-seis. Brasil: Universidade Federal de Santa Catarina.

Schouten, M. J. (2011). *Uma Sociologia de Género*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.